

A Produção da SBPMG

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

Ana Virginia Ribeiro Machado¹, Belo Horizonte, Minas Gerais

Resumo: No presente artigo, proponho um encontro entre a minha experiência no mundo das artes e o método analítico proposto por Bion na clínica psicanalítica. Assim, recorro ao meu trabalho de pós-graduação em *Arte Contemporânea*, na Escola Guignard, entre 2005 e 2006, e ao meu aprendizado no curso de especialização em *Psicoterapia Vincular Dialética, de Freud a Bion*, realizado durante dois anos, 2011 e 2012. Tive como coordenador o professor José Lippi, que trouxe excelentes convidados, de todo o Brasil, entre eles: Antônio Rezende, Deocleciano Alves, Luiz Carlos Junqueira Filho, João Carlos Braga, Roosevelt Cassorla e Cláudio Castelo Filho (SBPSP); Arnaldo Chuster e Luiz Py (SBPRJ); David Zimmerman (SBPRGS); Jorge Paprocki (UFMG); Sergio Kehdy, Gisele Brito (SBPMG). Foi um curso que me proporcionou muita reflexão e profundidade, com a presença de professores experientes, com anos de prática e estudos psicanalíticos, dando ênfase maior à teoria de Bion, trazendo conceitos e temas importantes para a compreensão dessa nova forma de se fazer Psicanálise, possibilitando a incorporação e assimilação desse aprendizado, destacando-se o encontro provocado pela busca da verdade.

PALAVRAS-CHAVE: Bion; Pintura; Transformações; Arte; Experiência emocional.

1 Graduada em Psicologia, pela UNIFOR, Universidade de Fortaleza. Pós-Graduada em Arte Contemporânea, pela Escola Guignard; aperfeiçoamento em Psicanálise Winnicottiana, pela SBPW; e em Teoria de Bion, pela UFMG/ABTOS. Candidata em formação Psicanalítica da SBPMG.
Endereço: Av. Agulhas Negras, 745, Mangabeiras, Belo Horizonte, Minas Gerais – CEP 30210-340.
Telefone: (31) 98809-6971. E-mail: anamachadobh@yahoo.com.br.

Introdução

Imaginei poder transmitir a capacitação do pensar, ou da expansão do universo mental, que o estudo de Bion proporcionou-me. Fiquei mais atenta em observar, refletir e pensar, principalmente com relação ao processo e às dificuldades, no aqui e agora. Entendendo que o vínculo é fundamental no desenvolvimento da personalidade do ser humano, que só se constitui, a partir de um outro, na inter-relação do bebê com seu cuidador, o qual precisa ter a capacidade de conter as angústias primitivas, ainda não nomeáveis, advindas da predominância de tensão na área do corpo ou na área da mente.

Cada professor trouxe a importância do analista em ser mais humano, menos dono do saber, colocando-se durante a sessão como uma pessoa com sentimentos, emoções e intuições, capaz de sentir e observar o que ocorre durante o atendimento. O analista, com seu paciente, passa a formar uma dupla, conseguindo um clima propício para que ocorram vínculos e, conseqüentemente, a vivência de uma experiência emocional, diferente da técnica tradicional, preocupada em diagnosticar, ou na capacidade de interpretar do analista, em que a distância e a neutralidade são tidas como fundamentais, para garantir a habilidade de codificar os conflitos por trás do discurso do paciente.

O trabalho está relacionado com esta minha experiência na pintura em tela e com o interesse grande que senti pelos conceitos trazidos pelos professores no curso relacionado à teoria de Bion. No momento de escolher o tema, tive o interesse em reler meu trabalho anterior de conclusão do curso de arte e percebi o encontro dessas duas aprendizagens na minha vida; ademais, por conta da sensação que sentia ao me deparar com os vários conceitos que pareciam nomear os pensamentos que já faziam parte da minha história. Zimmerman (2004) afirma que “[...] a função conhecer (ou saber) é, pois, uma atividade pela qual o indivíduo chega a ficar consciente da experiência emocional, tira dela uma aprendizagem e consegue abstrair uma conceituação e uma formulação dessa experiência.” (p. 160).

Ao pensar neste trabalho sobre um possível diálogo entre a produção pictórica e a teoria de Bion, procuro provocar o leitor, trazendo partes do texto relacionado ao meu trabalho artístico e textos do próprio Bion ou dos seus seguidores, para que se possa fazer uma relação entre eles, não havendo o interesse em explicar, ou aprofundar os conceitos teóricos. Meu objetivo é fazer uma interlocução ou uma aproximação dos dois processos mencionados. Segundo Zimmerman (2004),

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

Mais marcadamente a partir de Bion, o analista é considerado, não mais do que uma pessoa, bastante treinada e preparada que, junto com outra pessoa, o paciente, constitui o campo analítico, isto é, uma mútua e permanente interação, na qual cada um influencia e é influenciado pelo outro [...] Assim, a evidência de que a relação analítica é de natureza vincular dialética mudou significativamente o perfil do analista contemporâneo. (p. 22).

Com essa nova visão da Psicanálise, menos rígida, progredi da arte para o estudo a que estava me propondo, em que o encontro com a pintura se transformou em um encontro com o ser humano. A possibilidade de poder acompanhar “o outro” no seu processo para um possível crescimento, com autenticidade e liberdade no encontro, foi o empurrão que eu precisava para voltar à profissão como psicóloga/psicanalista.

Ressalto as significativas mudanças ocorridas no perfil do psicanalista na teoria de Bion, descritas desta forma por Zimmerman (2004):

Em relação ao primário vínculo da mãe com o filho (equivalente ao analista com seu paciente), Bion aprofundou a importância da função rêverie materno, a função de continente da mãe (ou analista) ter condições de acolher e conter as necessidades e angústias que, por meio de excessivas identificações projetivas, os filhos (pacientes) colocam dentro dela. Assim, representa um fundamental avanço técnico a noção de que o analista deve, acima de tudo, ter desenvolvida essa capacidade de continência, para que, além de conter a carga nele projetada, também possa decodificar o seu significado, dar um sentido e devolver para o seu paciente, devidamente desintoxicada e, sobretudo, nomeada. (p. 41).

Entendi que, para Bion, é importante o analista tomar consciência dos próprios sentimentos, de maneira que possa acompanhar o que se passa durante a análise e viver um encontro verdadeiro, uma experiência emocional e, com isso, possa proporcionar uma expansão mental em ambos, em que as emoções terão espaço para ocorrer de forma intensa e segura, possibilitando transformações, muitas vezes, decorrentes das invariantes presentes na sessão terapêutica.

Os ensinamentos chegavam de forma harmoniosa. Era estranha a sensação que eu tinha de interesse e proximidade com os conceitos e com as novas descobertas apresentadas; sentia como algo familiar.

Ana Virginia Ribeiro Machado

Percebi uma semelhança com minha experiência no mundo das artes, que incluía a prática da pintura em tela, e o trabalho intitulado *Natureza Viva*, que escrevi para a conclusão da especialização na Escola Guignard. Nesse memorial descritivo, tentei apresentar a expressividade que tomava conta das minhas pinturas, priorizando não o interesse de fazer uma leitura ou desnudar o conteúdo do quadro, mas discorrer sobre caminhos e encruzilhadas que são essenciais e individuais para que cada artista consiga criar sua obra.

Isto faz menção ao estado de envolvimento e transpiração presentes no ato de pintar, como acredito acontecer numa sessão analítica, em que a verdade nunca é um saber absoluto, mas uma viagem de descoberta, uma entrada num labirinto.

É importante colocar que o trabalho pictórico que faço alusão, não é uma pintura acadêmica, que siga uma rigidez, uma busca por perfeição, mas um trabalho livre, vivo, possível de acontecer, por estar mergulhado em emoções e sentimentos que surgem no momento do fazer. Uma *Natureza Viva*, dando ênfase aos cortes e aos restos de possíveis frutas, com opções variadas na escolha da pincelada, perdida em tiras, reflexos e repetições, ficando a imagem diluída em diferentes formatos. Meu objetivo é deixar as marcas do inacabado, abusando das cores e das figuras, das possíveis relações entre elas, provocando suas misturas ou invasões do espaço uma das outras, como se falasse da ruptura brusca que a humanidade passa, das perdas e fragmentos a que estamos expostos. Uma fruta que não é apenas uma fruta, colocada num contexto flutuante, porém representando a força e a beleza de sua forma e aparência, conseguindo uma nova realização. (Machado, 2006, p. 8).

Foi mais um aspecto do fazer artístico que se mostrou semelhante ao pensamento de Bion, ideia que traz a importância da transformação. Na arte, o que é visto ou tido como tema é apresentado de forma diferente na tela, uma representação, uma nova forma de se fazer presente, por meio das transformações sofridas no processo do fazer pictórico.

O mesmo, acredito, pode ocorrer na sessão analítica, com o paciente e seu encontro com o analista, do conteúdo sendo contido por um continente, na possibilidade da transformação de elemento beta em elemento alfa, a partir da função alfa, que acolhe e dá sentido, até que o paciente possa introjetar e ter sua própria capacidade continente.

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

Os expoentes dessa atividade são homens vivos, e a atividade deles está sujeita a todas as correntes entrecruzadas da vida. Notam-se três estádios: primeiro, simples percepção de qualidades materiais – cores, sons, gestos e reações físicas mais complexas e indefinidas; segundo, a distribuição de tais percepções em formas e arranjos agradáveis; terceiro estágio que se apresenta quando tal arranjo de percepções se torna capaz de corresponder a um estado emocional ou sentimento que existia anteriormente. Então se diz que se deu expressão a emoção ou sentimento. Neste sentido é verdadeiro dizer ser a arte expressão [...] (Read, 1978, p.23)

Tanto na arte, como na Psicoterapia existe algo que não é alterado e, por isso, possível de ser reconhecido. Bion (2004) diz: “Uma interpretação é uma transformação para mostrar as invariantes, uma experiência sentida e descrita de um modo, é descrita de outro” (p. 17). E complementa:

A tarefa é descobrir quais são as invariantes em psicanálise, e qual é a natureza do relacionamento que estas invariantes mantêm entre si [...] É necessário haver algo, na descrição verbal da análise, que seja invariante [...] Para o meu objetivo, é conveniente considerar psicanálise como pertencente ao grupo de transformações. A experiência original, a realização- no exemplo do pintor, o tema que ele pinta, e no exemplo do psicanalista, a experiência de analisar seu paciente – é transformada. Na pintura é transformada num quadro; na análise, em uma descrição psicanalítica. (Bion, 2004, p. 17-18).

Para demonstrar que a arte, assim como a análise, interage com a história de vida de cada um e com o mundo em que está inserido, trago a história de vida, que faz parte desse trabalho de 2006 relacionado às artes. Dessa forma, busco trazer a experiência que tive durante minha infância, memórias que tiveram relação e importância com a escolha deste tema a ser questionado nas minhas pinturas.

Quando jovem, eu residia numa casa com quintal, com uma grande variedade de árvores frutíferas. No tempo livre, sempre me encontrava subindo e brincando em suas copas, com a intenção de escolher as melhores e mais maduras frutas, chegando a saboreá-las no próprio local; o cheiro que exalava era maravilhoso, meus olhos brilhavam com as cores diferentes de

cada uma delas. Se fosse manga, ou seriguela, ficava a observar as diferentes tonalidades que existia, de acordo com seu amadurecimento; já a pitanga, tinha um vermelho china, acentuado pela pequena folha verde limão, que completava seu charme; o jambolão, conhecido por mim como azeitona, com sua cor roxa, quase preta quando madura, destacava-se por deixar a árvore repleta de frutas e pela marca no chão quando elas caíam e estouravam, ficando o magenta espalhado e as cascas pretas ao lado, compondo a imagem. Quantas pessoas já se deitaram ou não, na sombra de um cajueiro ou se divertiram em seus galhos ou troncos, depois saborearam o caju, com seu suco escorrendo pelos dedos! Chega a doer, a sensação de felicidade ao conseguir lembrar minuciosamente da época que andávamos, eu e minha irmã, nas estradas de terra, parando e nos deliciando, com tais aventuras. As cores variavam entre o laranja, o vermelho e o amarelo, às vezes solitárias e puras, outras vezes, se misturando e formando a fruta. A castanha, sempre verde acinzentada, se transformando em sombra natural ou marrom escuro, quando torrada e depois de descascada, transformada em amarelo Nápoles. Penso em Clarice Lispector, que diz: “Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina, que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher e seu amante.” (1998, p. 12). (Machado, 2006, p. 10).

Tomei consciência de tão distante estava da natureza, de suas riquezas, das lições aprendidas no seu convívio, no viver intensamente. Observei o valor do aprendizado conseguido pela experiência, mantendo-se presente na minha memória e no meu ser. São vivências que aconteceram e foram importantes para enriquecer a realidade presente, favorecendo as diferentes perspectivas e visões acerca de um fato novo.

Era apenas uma criança brincando, arriscando-se, vencendo desafios e comendo frutas, mas, depois, tais vivências foram percebidas como propiciadoras do amadurecimento pessoal e de possíveis transformações no caráter e, conseqüentemente, na formação da personalidade. Faz-me pensar no “aprender com a experiência” e na importância de viver de forma inteira cada momento.

Experiência de recordar, momento de reflexão, de um pensar, de misturar-se a um novo conhecimento adquirido, tornando o enredo e o contexto cheios de significado, com a possibilidade de nomear cores, visões, cheiros; enriquecendo o fazer pictórico com sentimentos e emoções; conseguindo nova “realização”, devido à importância do contato com

algo desconhecido, que estava buscando entender e apreender; tornando o quadro, assim com uma sessão, um resultado expressivo de uma experiência emocional, que ocorre entre o artista e seu material, ou entre o analista e seu paciente.

Em busca de tentar demonstrar uma relação entre a produção pictórica e a Psicanálise baseada na teoria de Bion, trago um trecho do meu trabalho escrito sobre o fazer artístico, em que encontro algo que percebo como equivalente ao que ocorre numa sessão analítica:

No início tenho a imagem na cabeça do que quero para o trabalho e repentinamente algo vai acontecendo e mudando o rumo proposto, a própria pintura direciona minhas pinceladas. Na medida em que o quadro vai sendo elaborado, as ideias e intenções vão se enriquecendo, alguns erros e acasos transformam-se em causas para complementar, enriquecer ou coordenar o pensamento. (Machado, 2006, p. 15).

Na relação do paciente com seu analista, no momento da sessão, vivência, emoção, sentimentos e conhecimentos estão todos funcionando para uma busca da verdade e da transformação possível para se chegar nela. A verdade é o oxigênio da mente, relaciona-se com a busca do conhecimento, enquanto a arrogância cria o campo da mentira, da certeza, evitando a transformação. Bion saiu da explicação, da relação causa e efeito linear e deu ênfase ao modelo espectral, das incertezas, dando importância à experiência emocional, a importância dos vínculos L, H e K (amor, ódio e conhecimento), tanto na sua forma positiva, como na negativa (-L, -H e -K), constituindo o encontro entre duas pessoas, sem a necessidade de compreensão, sem o desejo de curar, sem a busca de memória. Diz Arnaldo Chuster (1996):

Como em Keats, encontramos em Bion, um compromisso marcado pela concepção da experiência emocional, em que o discurso revela como esse compromisso gera o significado. Este é gerado pela percepção do mundo interno, pelas emoções, e não pela percepção do mundo externo. (p. 13).

Essa relação que necessita de dois para haver um encontro dessa natureza é, do mesmo modo, a relação do artista com seu material, em que encontramos um vínculo, uma confiança, um contato entre o pintor, sua palheta, seus pincéis e a própria tela, algo semelhante ao encontro verdadeiro e necessário para uma psicoterapia.

Amor, ódio e conhecimento, todos presentes no fazer artístico, dentro de um espaço que possibilite esse momento, tendo como resultado a produção da obra de arte, que nasce, às vezes, de um tema, ideia, ou esquema, mas que, durante o processo, vai sofrendo mudanças e transformações que ocorrem de forma semelhante, porém de maneira complexa no caso do trabalho analítico. “O tipo de transformação vai depender do analista e de sua avaliação das demandas da situação analítica”. (Bion, 2004, p. 19).

Para tentar explicar o nascimento dessa ideia de fazer uma aproximação dos dois processos aqui mencionados, é importante se pensar no primeiro momento da mãe com seu bebê, no conceito de preconcepção de Bion, quando o recém-nascido imagina algo que não sabe o que é, procura às escuras, mas que, com a presença do objeto (seio/mãe) que é colocado ao seu alcance, que seria a própria realização, vai se formando a concepção ou o conceito. Foi como descobrir que anos atrás já havia dentro de mim um entendimento ou pensamento relacionado a esta nova teoria. Percebi o porquê de sentir-me tão à vontade com as ideias, de ficar tão encantada com as aulas do curso e com o material trazido por cada professor. Penso nesse trabalho escrito anteriormente, como o “pensamento já existente, a procura do pensador”, que pode ser elaborado, decodificado, nomeado pelos aprendizados de hoje, chegando a um significado maior para mim mesma.

Arnaldo Chuster (1996) afirma: “O movimento da preconcepção é a busca de uma realização para dar à luz uma concepção. Essa realização, por sua vez, é decorrente de uma função, que Bion chama de função alfa” (p. 29). Essa função alfa se ocupa da investigação do pensar e da aprendizagem por meio da experiência emocional e do aprender com a experiência, transformando os elementos beta em alfa, criando nas pessoas os elementos alfas, percussores da memória, do pensar inconsciente de vigília, dos pensamentos oníricos, dotados da capacidade de se articularem. O paciente traz um material bruto, o cascalho, “aquele que entra e sai”, tido como elemento beta, aquele no qual o analista buscará as pedras preciosas, elemento alfa, ouro puro, “que entra e fica”, que serão utilizados durante a análise, de acordo com o vínculo criado pela dupla e pelo momento oportuno para as colocações. Cria-se aí a possibilidade de alcançar a expansão mental decorrente do encontro, a transformação não só do que é trazido, mas dos próprios integrantes, propiciando um entendimento maior da dupla, analista e paciente, ocorrido no momento presente da sessão.

Falando de arte, cito um trecho do meu trabalho de pós-graduação:

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

A pesquisa que realizo neste momento propõe uma poética que usa a pintura como expressão de reações emocionais com o nosso próprio interior e com o mundo que nos cerca, manipulando e modificando o fazer artístico para realizar um produto que seja possível pela autoidentificação com a experiência e com o material usado. Gosto de pintar as diversas possibilidades e maneiras de ver um objeto já conhecido, criando diferentes perspectivas, situações e funções que estes podem estarem inseridos. Utilizando a cor como ritmo, como emoção, causadora das mais variadas distorções e percepções existenciais. Partindo desta questão, sinto-me confortável para pintar de uma maneira fragmentada, onde a essência parece perdida no meio de tanta informação e contradição, mas a cor e a expressividade estão sempre presentes, como invariantes. (Machado, 2006, p. 8).

Para o artista, o tema que ele pinta é transformado no momento em que, estando num ambiente propício e focado para a sua produção artística, em contato com todas as suas ferramentas de trabalho, consegue, por meio da vivacidade, de estar presente, inteiro, sentir perceber e despertar algo que não era esperado e, com isso, transformar. A relação que faço da pintura com a prática clínica não enfatiza a importância da tela ou do artista, ou do paciente ou analista, mas do momento exato da produção artística, com seu dinamismo, transformações, encontros, emoções. Assim, no exemplo do psicanalista, sua experiência de analisar seu paciente é transformada e, ao mesmo tempo, é transformadora, pois a interpretação mostra as invariantes, as experiências sentidas e descritas de um modo, sendo desenvolvidas e descritas de outra maneira, devido ao impacto ocorrido no encontro entre analista e o paciente, não permitindo que a ideia advinda no momento passe despercebida. Nesse sentido, segundo Bion (2004):

Do mesmo modo que há certas propriedades geométricas invariantes em projeção e outras que não o são, também existem propriedades que são invariantes em psicanálise e outras que não o são. A tarefa é descobrir quais são as invariantes em Psicanálise, e qual é a natureza do relacionamento que estas invariantes mantêm entre si [...] É necessário haver algo, na descrição verbal da análise, que seja invariante...Para o meu objetivo, é conveniente considerar psicanálise como pertencente ao grupo de transformações. A experiência original, a realização – no exemplo do pintor, o tema que ele pinta, e no exemplo do psicanalista, a experiência de analisar seu paciente – é transformada. Na pintura é transformada num quadro; na análise, em uma descrição psicanalítica. (p. 17).

O artista, com sua técnica, conhecimento já adquirido, sua maneira individual de se expressar, sua palheta de cores e ritmos diferenciados na pincelada e suas sensações presentes no momento do fazer pictórico, na hora que se depara com o tema escolhido, o qual ele gostaria de representar, ou como diria Bion, com a “[...] experiência original, a realização, consegue uma transformação”. No momento que começa o trabalho artístico, a visão, sensação, sentimentos, intuição vão se encontrando, misturando-se, e as próprias pinceladas vão dirigindo o processo. Algo aparece, ganha vida, estando além do seu objetivo inicial, que se perde no momento da “transformação”, que acredito só ser possível quando existe liberdade de deixar ser levado pelo momento, de forma intensa, sem o desejo de acertar, sem a preocupação com a utilização da técnica propriamente dita ou fixada ao tema inicialmente proposto. Mesmo assim, fica algo que nos faz reconhecer o aspecto que não pode ser alterado. Faço relação com o termo “invariância”, que penso como fato selecionado de uma sessão analítica.

O paciente, nos seus contatos externos com seus familiares e no convívio social e profissional, leva consigo uma nova capacidade de pensar, de elaborar e de se relacionar, modificando sua conduta, tanto nas resoluções simples, como no ato de existir. O conhecimento ocorrido em análise possibilita o amadurecimento e crescimento do indivíduo e do analista. Cito Richerd Wollheim, em seu livro *A pintura com arte*:

Falei em ver um menino numa parede manchada, bailarinas numa vidraça embaçada, um torso ou um grande maestro Wagneriano nas nuvens. Porém, há outras situações em que enxergamos um sólido irregular numa folha de metal oxidado, ou uma esfera nos ramos desfolhados de uma árvore, ou apenas espaços numa parede toscamente preparada [...] No primeiro exemplo, falei em “menino”, “dançarina” e “torso”, ou seja, usei conceitos figurativos. No novo exemplo, usei “sólido irregular”, “esfera” e “espaço”; quer dizer, utilizei conceitos não figurativos ou abstratos [...] Embora ambos os tipos de visão sejam exemplos genuínos do “ver em”. O primeiro pavimenta o caminho de uma arte representacional figurativa, o segundo o de uma arte representacional abstrata. (Wollheim, 2002, p. 62).

A importância dessa ideia de “ver em” não se relaciona apenas com a arte, mas com a capacidade do analista no ato de analisar. Tanto a obra de arte, como uma boa sessão analítica só acontecem quando ambos estão envolvidos como um só, sentindo, percebendo e podendo pensar juntos ou, poderíamos dizer, sonhando juntos, o sonho não sonhado.

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

Acredito que, tanto na arte, como na análise, a configuração utilizada deve ser o “nós”, com relação ao artista e sua tela, ou do analista com seu paciente, conseguindo, no momento que estão juntos, um vínculo que propicie uma confiança para se viver emoções, pensamentos, sentimentos, deixando acontecer o imprevisto e se utilizando dele para pensar, intuir. Com isso, dando oportunidade de aparecer o novo, em que o conceito da interação entre a dupla está baseado na noção de vincularidade, na qual o analista deixa de ser unicamente um observador ou decifrador e passa a ser um participante ativo, de modo que cada um influencia e é influenciado pelo outro. Arnaldo Chuster (1996) faz a seguinte colocação:

As posições finais de Bion praticamente descrevem a clínica psicanalista como uma clínica da onipotência que atinge tanto o analista quanto o analisando. Equivale dizer que é uma clínica da turbulência emocional, pois a onipotência nasce da dificuldade em tolerar a diferença da realidade. E a realidade tomada na experiência do pensamento é um confronto entre finitude e infinitude, através da linguagem. Essa formulação nos coloca de volta à posição de Bion sobre os tipos de transformações que ocorrem na prática analítica, como sendo fundamentalmente do grupo das transformações artísticas. Portanto a psicanálise como a arte é algo que pode ser aprendido, mas não pode ser ensinado [...] Técnica analítica só é técnica quando possui o sentido originário da palavra, a “techné” encontrada em Homero, significando trazer a existência, fazer ser o que não é [...] (p. 30).

A obra de Bion conduz ao conflito entre investir na segurança de uma coisa já pensada e em algo arriscado, incerto, vulnerável, na paciência em criar, ficando em segundo plano o que é conhecido e certo. Com isso, trago um parágrafo do meu trabalho *Natureza Viva*, em que tento explicar o momento da pintura para mim:

Durante o processo de pintar uma tela, sinto-me inicialmente como se estivesse enfrentando a mim mesma, precisando de um tempo, durante o qual fico a olhar o vazio, sem saber como, ou por onde começar mesmo tendo feito um esboço, do que gostaria de apresentar naquele suporte. (Machado, 2006, p. 14).

Cada sessão analítica é um processo semelhante à pintura de uma tela, precisa existir um envolvimento intenso, em que a mistura está presente, no qual terapeuta e paciente trabalhem juntos, ajudando-se mutuamente; não há lugar para certezas, mas para devaneio, no sentido de deixar a verdade aparecer. Qualquer comunicação do analisando deve ser percebida de forma que o analista busque entender ou sentir o que isto quer dizer, aqui e agora. Em outras palavras, a pergunta é sempre por que essa pessoa vem até aqui me comunicar nesse momento o que acabou de fazer ou fazer isto que acabou de fazer. A transferência, segundo Bion, passava a ser um fio condutor para a percepção do analista sobre o processo terapêutico.

Para concluir, gostaria de descrever uma fábula,

Certa vez, três cegos de nascença resolveram caçar um gato que varava as noites miando estridulamente junto à janela. Queriam lhe dar uma sova, para afastá-lo da vizinhança, mas também pretendiam apalpá-lo, para descobrir que forma tinha o corpo do insistente cantor que os impedia de dormir [...] Não contavam, porém com a agilidade da presa; quando abriram a porta da armadilha, o gato escapuliu, só dando tempo a cada cego para tocá-lo de leve. O cego cuja mão percorreria o dorso do gato em fuga, disse: – Ele é felpudo e plano, deve parecer um tapete. O outro, que agarrara por apenas um instante o rabo do gato, corrigiu: – Não, ele é longo e roliço, sem dúvida é uma cobra peluda. Gemendo de dor, por causa das unhas e arranhões, o terceiro cego, em cujo braço o fugitivo cravara as garras ao dar o salto, protestou: – Felpudo, coisa nenhuma, é áspero e cortante como um espinheiro. (Costella, 2002, p. 13).

O conteúdo da obra de arte, assim como o conteúdo de uma análise, é como o gato da fábula, composto de vários elementos e pontos de vista diferenciados, devendo o conjunto como um todo ser observado sem nenhuma influência externa que possa interferir no trabalho do observador. Acredito que o mesmo aconteça com os analistas que seguem a visão de Bion,

[...] de começar uma escuta o mais próximo de um estado vazio, dissolvendo os tempos verbais: memória e desejo. Tais desejos corroem a capacidade que o analista tem para analisar e fazem deteriorar progressivamente sua intuição. Se a mente do analista ficar ocupada com aquilo que é ou não dito; ou aquilo que ele espera ou não espera, isto significa que o analista não está permitindo que a experiência irrompa, especialmente no aspecto que vai além do som da voz do paciente ou da visão de suas atitudes. (Bion, 2006, p. 55).

É muito interessante pensar nesta preocupação de Bion, de esclarecer sobre a necessidade de o analista não deixar que desejos e memórias atrapalhem sua clínica, favorecendo o tempo vivido e o conteúdo que nasce na sessão. Isso porque, o desejo nos remete ao futuro e a memória ao passado, sendo o presente o que realmente temos para trabalhar e poder transformar. Para explicar melhor, cito Arnaldo Chuster (1996), falando sobre Bion promover uma psicanálise moderna:

Por outro lado, adotando um discurso da negatividade lógica, a expressão sem memória e sem desejo, além de retirar o significado comum das palavras, faz com que exista a busca de um sentido oculto que a gramática não pode alcançar...Afasta da mente a memória e o desejo, significa focalizar a realidade psíquica imediata, para que ela seja fonte observável das surpresas que nos prepara o inconsciente. O fenômeno central da psicanálise expressa um testemunho verídico do Ser, mas suas imagens não são palpáveis, visíveis e audíveis. Não são diretas, são evidenciáveis pelas palavras, pelos gestos. Da verdade temos reflexos, nuances, vislumbres. Por isso, temos de contar com o que é intuído. Memória e desejo interferem na intuição pelo simples fato de que são atividades com grande afinidade sensorial. Como na poesia, podemos associar a atividade analítica com as palavras “fusão de crer e ver”. Para ser mais específico, como diz Bion (1970), trata-se de um ato de fé. (p. 17).

A grande magia de um trabalho, artístico ou analítico, é ser produzido e contemplado por um ser pensante, complexo e envolvido em experiências e sentimentos, tendendo a provocar uma verdadeira trama de semelhanças, que no pensamento se articulam completando ou limitando umas às outras, mas tornando rica sua própria existência. É a grande diferença da pintura pronta e acadêmica, uma cópia, que acaba com o sentido próprio, não tendo vida, emoção ou liberdade para a espontaneidade, ficando o artista restrito a uma escola ou aceitação por um grupo. Mais uma vez, encontro uma relação entre esses dois mundos, percebo como para ambos é importante o conhecimento, mas o esvaziamento de todo um aprendizado teórico no momento do acontecer. Aprendi com Jarbas Juarez, grande desenhista mineiro, aluno do Guignard, que o artista precisa primeiro aprender a desenhar muito bem, para alcançar a liberdade de manipular as linhas e os traços, sem correr o risco de causar o “aleijão”, e assim conseguir transformar o desenho em uma criação sua.

Ana Virginia Ribeiro Machado

É meio contraditório, aprender para depois esquecer, mas somente tendo o saber e a prática poderemos obter segurança de brincar, manipular e escolher a melhor maneira de representar e elaborar nossa arte, sem transparecer todo esse processo penoso de aprendizado.

Para finalizar, trago uma fala de João Carlos Braga, em aula, que dizia:

Quando estou exercendo a prática analítica, percebo-me às vezes pensando, às vezes sendo, assim como também, às vezes não pensando e às vezes não sendo. Quando tenho êxito em pensar e ser, reconheço que conjugo duas posições básicas, a de ativamente buscar elementos; e dar-lhes um sentido e de ficar disponível para expressar a mim mesmo.

Referências

Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (2.^a ed). Imago.

Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (2.^a ed). Imago.

Chuster, A. (1996). Introdução. In A. Chuster, *Diálogos psicanalíticos sobre W. R. Bion* (pp. 13-22). Tipografia.

Costella, A. F. (2002). *Para apreciar a arte: roteiro didático* (3.^a ed.). Senac.

Lispector, C. (1998). *Felicidade clandestina*. Rocco.

Machado, A. V. R. (2006). *Natureza viva: a metamorfose da imagem* [Monografia de Pós-Graduação]. Universidade do Estado de Minas Gerais.

Read, H. (1978). *O sentido da arte* (4.^a ed.). Ibrasa.

Wollheim, R. (2002). *A pintura como arte*. Cosac & Naif.

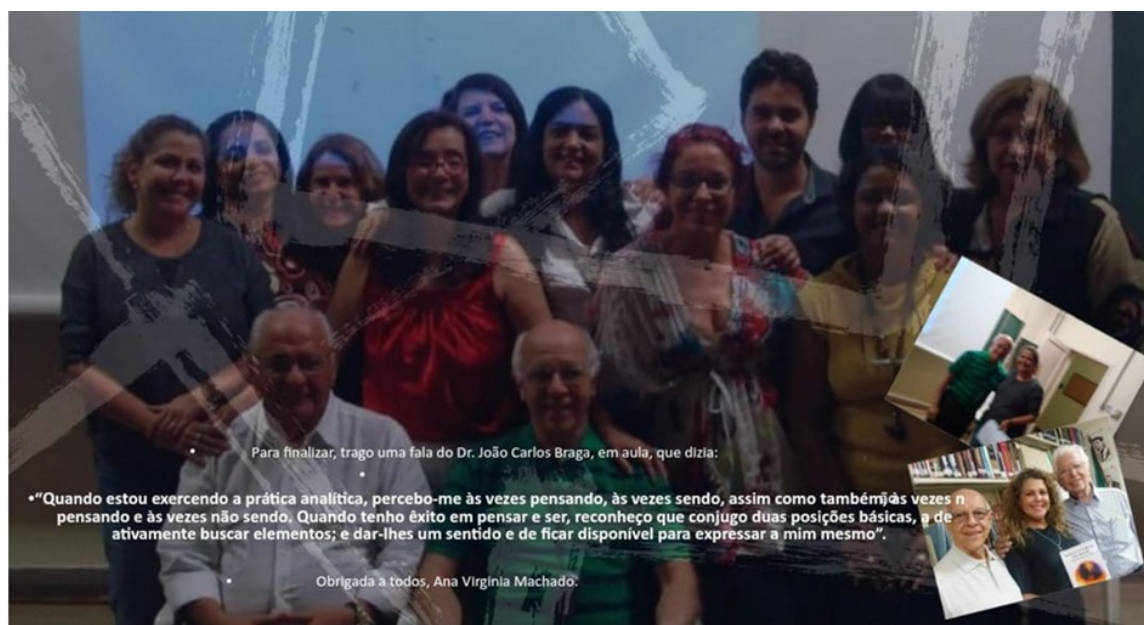
Zimerman, D. E. (2004). *Manual de técnica psicanalítica: uma revisão*. Artmed.

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

Anexos



NATUREZA VIVA – Exposição na escola Guignard – 2006



Finalização da especialização, Psicoterapia Vincular Dialética, de Freud a Bion – 2013

Aspectos teóricos da observação da relação mãe/bebê – Método Esther Bick

Cláudia Maria Gomes de Freitas¹, Belo Horizonte, Minas Gerais

Resumo: A autora escreve sobre os aspectos teóricos da observação da relação mãe/bebê segundo o Método proposto por Esther Bick. Elege como foco para o trabalho dois pontos relevantes: a importância do método para a formação do psicanalista e para a teoria psicanalítica. Propõe a possibilidade de refletir sobre o panorama atual do Método nas federadas brasileiras sem, no entanto, deter-se nesse assunto. Ao longo do texto, escreve um breve histórico sobre Esther Bick, o momento psicanalítico no qual o método foi criado, as influências teóricas de seus contemporâneos: Melanie Klein, Bion, Winnicott. Aborda o método, suas contribuições para a psicanálise e para o Psicanalista que desenvolve a escuta dos primórdios do desenvolvimento emocional. Relata algumas experiências como observadora. Tem como referência os escritos de Bick e, principalmente, a contribuição dos psicanalistas que escreveram e publicaram livros e artigos sobre a experiência de observação.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Analítica; Continência; Estágios Primitivos.

1 Endereço: Rua Américo Macedo, 511,ap. 602, Gutierrez, Belo Horizonte, Minas Gerais – CEP 30441-102. Telefone: (31) 98844-2745. E-mail: claudiaterra@yahoo.com.br. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG). Membro da Comissão da Infância e Adolescência da Febrapsi (2023-2025²)

2 Trabalho apresentado na Mesa 1 – Observação da relação mãe/bebê e sua importância na psicanálise, apresentado no 2º Simpósio de Infância e Adolescência da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi): A Psicanálise na Clínica de 0 a 3 anos, no dia 30 de setembro de 2023.

Introdução

Ao longo de minhas experiências de observação, um sentimento que me acompanhou constantemente foi o encantamento diante da eclosão da vida psíquica de um bebê, que se desenvolve “sob os olhos” do observador e dos do grupo. Para mim, é tão fascinante como assistir o desabrochar de uma flor, instante a instante, graças a um instrumento que permite ver o que não é visível a olho nu. (Lacroix,1997, p. 65).

É com esse sentimento de encantamento que me inspiro para escrever este trabalho sobre a observação da relação mãe/bebê. Apenas quem se dispõe a passar por essa vivência entende a beleza que é apreciar o desenvolvimento psíquico nos seus primórdios e o nascimento das relações iniciais entre a mãe e seu bebê. Graças à genialidade e ousadia de Esther Bick, isso se tornou possível.

Esther Bick, em 1948, cria um método que pode ser considerado uma “inovação conceitual” (Enck, 2011, p. 535), que inclui como objeto de estudo pensamentos, emoções e sentimentos experimentados pelo observador que são considerados um meio para entrar em conexão com o inconsciente da dupla mãe/bebê. Sendo assim, a observação só pode acontecer no aqui agora do encontro, similar a uma sessão de análise. A observação direta de crianças proposta por Bick começou a trazer o bebê à vida; até então a criança psicanalítica era muito abstrata vista através do atendimento de pacientes adultos neuróticos e psicóticos (Pérez-Sanches, 1983, p.12).

Outro aspecto do método de Esther Bick é a revalorização do olhar; ela discorda da ideia de que o olhar pode alterar nosso objeto de estudo e nos mostra um olhar que não aprisiona, mas liberta um funcionamento de vida, é atenção à vida e não ao fenômeno. Bick descobre o olhar emocional, o olhar que toca e desperta a emoção. “Dessa maneira, o olho se transforma em pele...O olhar do observador é, em muitos momentos, braços que acolhem, uma boca que sorri, pernas que acompanham uma criatura que estende a mão.” (Lacroix,1997,p. 57).

Uma peculiaridade de Esther Bick é que sua transmissão foi basicamente oral, seus trabalhos escritos são raros, mesmo assim, tornou-se uma psicanalista com profunda influência na Psicanálise. Ela considerava “[...] a prática da escrita um ato por demais solitário” (Enck, 2011,p.535). Os participantes de seus grupos de observação e seminários tiveram o papel importante de divulgar toda a riqueza e alcance das ideias dela, por meio de relatos e de conversas com Bick.

Essa prática permanece até hoje e podemos encontrar diversos artigos e livros publicados sobre a riqueza da observação. Penso em uma “obra aberta” o legado deixado por Bick. Isso porque, cada um que escreve é inédito naquilo que escreve e se torna coautor de uma obra infinita, cuja linguagem é a do inconsciente.

Ciente que o tema que vou desenvolver é amplo e ultrapassa os limites deste artigo, vou restringir o foco e abordar dois aspectos relevantes, entre outros: a importância do método para a formação do psicanalista e para a teoria psicanalítica. Acrescento o objetivo de colaborar para a reflexão sobre o Método Esther Bick no panorama atual das federadas brasileiras.

Breve histórico

Esther Bick nasceu em 1901, na Polônia, e faleceu em Londres, em 1983. Sua história de vida nos mostra que desde pequena teve contato direto com bebês e crianças. Aos sete anos de idade, foi enviada a Praga para ajudar a tia a cuidar de um bebê. Antes de estudar psicologia, trabalhou em várias creches com crianças; mais tarde, em Viena, realizou observação experimental de pares de crianças gêmeas. Utilizava-se, para esse trabalho, de uma metodologia objetivante de qual Bick discordava. Essa experiência serviu de base para que ela pudesse desenvolver seu método de observação, que leva em conta o contexto subjetivo e emocional, considerando ainda a vivência do observador (Mijolla, 2005, p. 235).

Em 1938, Esther Bick chega a Manchester e começa a trabalhar em uma clínica. Foi analisanda de Michael Balint e supervisionanda de James Strachey e Melanie Klein. Em 1947, chega a Londres e inicia sua formação no Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica de Psicanálise, escolhendo Melanie Klein como analista didata.

Desde então, torna-se seguidora e discípula de Klein; seus trabalhos escritos se situam dentro do movimento pós-kleiniano (Mijolla, 2005, p. 235).

Convidada por John Bowlby, em 1948, para dar seminários no curso de Psicoterapia Infantil, na clínica Tavistock, Bick introduz seu método de observação da interação mães/bebês. Ele se mostra eficaz no treinamento dos terapeutas e logo em seguida passa a ser adotado na Sociedade Britânica de Psicanálise como pré-requisito à formação analítica, assim como em outras sociedades psicanalíticas ligadas a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e outros institutos de ensino (Lang, 2022).

Na época que Bick criou seu método, Londres era palco da efervescência do pensamento psicanalítico. Destaca-se desse período Winnicott, Bion e Melanie Klein. (Lacroix, 1997, p. 58) comenta que o movimento psicanalítico é marcado por ideias corajosas, tendo início com Freud. A seguir, pontua a coragem de Klein ao começar o trabalho analítico com crianças; suas ideias enfatizam a importância da técnica, principalmente do *setting*. Klein nos leva diretamente para um lugar que até então era reconstruído na análise dos adultos. Lugar que Freud descreve como “[...] área obscura, cheia de sombras” (Lacroix, 1997, p. 50).

A autora prossegue dizendo sobre a ousadia de Bick e Bion, que nos levaram para a esfera relacional. Bion elaborou uma teoria das relações anteriores ao Édipo, ou seja, existe uma autonomia de pensamento antes da relação edipiana. Há um pensamento a espera de um pensador, ideia que também nos leva a estágios primitivos da mente. Bion abre o campo dos problemas do desenvolvimento do pensamento e seus distúrbios.

Winnicott prepara um terreno propício para a observação da dupla mãe/bebê; ele mesmo já o fazia na sua clínica e nos convidou a entrar nesse lugar desconhecido da dependência absoluta, dos estágios primitivos do desenvolvimento, um mundo de experiências não simbolizadas, “[...] onde a verbalização perde todo e qualquer sentido” (Winnicott, 1968/1988, p. 81).

Esther Bick, além de nos convidar a entrar nesse lugar, indicou-nos uma via de acesso ao primitivo no ser humano e uma oportunidade ímpar para o desenvolvimento das capacidades do psicanalista, necessárias para entrar em contato com os fenômenos psíquicos do início da vida.

Seu interesse era que os analistas em formação, por meio dessa experiência, pudessem compreender a experiência infantil das crianças; ela pretendia ainda oferecer a oportunidade para entender a vida emocional dos bebês, para que fosse possível o contato com a dimensão bebê da personalidade total do ser humano.

Bick tinha em mente a necessidade de instrumentalizar melhor os psicanalistas para lidar com as intensas ansiedades provocadas pelo trabalho com o emocional primitivo, ou seja, aumentar a capacidade de continência das próprias fantasias, prevenindo atuações (Caron, 2014, p.16).

Como vimos, as ideias de alguns psicanalistas expoentes na psicanálise convergiram para o mesmo ponto: o início da vida mental. Quero destacar aqui Merrell Middlemore, considerada pioneira no trabalho de observação das relações mãe/bebê, porém pouco conhecida (Belmont, 2016). Seu trabalho também nos leva para o mesmo ponto. Em 1941, publica o livro *Mãe e filho na amamentação – uma analista observa a dupla amamentar*.

De acordo com a autora, estudar a amamentação partiu de seu interesse sobre o desenvolvimento da relação mãe/bebê e, sobretudo, dos movimentos do bebê ao amamentar quando está confortável ou desconfortável. O resultado de seu estudo levou a classificar os bebês em quatro tipos: lactentes ativos, lactentes sonolentos, lactentes inefetivos excitáveis e lactentes inertes. Considero uma contribuição importante para entender melhor a amamentação.

O Método Bick

A seguir, apresento um fragmento de uma observação para ilustrar o primeiro momento do Método: a observação.

Caio diz: “Mãe a Laura observa o Filipinho?”

Pai: “A Laura é uma cientista, ela observa bebês e faz hipóteses.”

Mãe: “Você também é bem observador, filho. Quanta coisa a gente aprende observando, né? Quantas hipóteses a gente cria. Laura está estudando bebês. Ela observa o Filipinho desde que ele tinha um mês, até quando ele fizer um ano.”²

É nesse contexto que acontece a observação: o bebê, a mãe e a família. É necessário criar um *setting* para que surja o objeto de observação. O *setting* externo consiste nas normas formais: visitas semanais na casa do bebê, com duração de uma hora, por um período de um ano, podendo estender-se para dois anos (Bick, 1964). O *setting* interno é a mente do analista. De acordo com Alicia Lisondo (2019, p.37), o *setting* condensa uma polissemia de sentidos metapsicológicos, é preciso, portanto, manter a “[...] vivacidade da curiosidade e não a resposta que mata o espírito de indagação”.

Caron (2014) escreve que o observador, assim como o analista na sessão de análise, necessita manter uma escuta baseada na atenção flutuante, não deve fazer anotações, e deve abandonar suas teorias e tão-somente observar. Relembra, nesse sentido, as palavras de Freud (citação em Caron & Lopes, 2014, p.33): “Aprendi a controlar as tendências especulativas e a seguir o conselho, não esquecido, do meu mestre Charcot: olhar as mesmas coisas, repetidas vezes, até que elas comecem a falar por si mesmas.”

No fragmento que abre esta seção, o irmão mais velho do bebê pergunta ao pai sobre Laura, a observadora. Inicia-se um diálogo interessante entre o filho de quatro anos de idade e seus pais a respeito do observar. Qual o papel do observador? Esta é uma pergunta que fazemos quando decidimos nos aventurar nessa caminhada.

Bick pontua que deve ser dada muita atenção à conceituação do papel do observador. Considera importante o observador se sentir suficientemente dentro da família para experimentar o impacto emocional, mas fora o suficiente para não reagir a qualquer papel imposto a ele. Ele seria “[...] um observador privilegiado, participativo e agradecido” (Bick, 1964). Esse entendimento sobre o observar é aprendido, ou melhor, incorporado aos poucos pelo observador. Não é uma tarefa simples, inicialmente bastante desconfortável, por essa razão esse assunto se torna presente por muito tempo nos grupos de observação.

2 Fragmento de uma observação de bebês realizada pelo 2º Grupo da SBPMG, coordenado por Rosa Sender Lang, Membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), de 2012 a 2013.

Kossmann e Lang (1997, p.450) referindo-se à fala de Bick anterior, pontuam que esse lugar do observador da relação mãe/bebê é também do psicanalista com seu paciente: “[...] não pode ser nem próximo demais, nem distante demais”. Nesse ínterim, vem-me à mente a música composta por Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown (2006) *Infinito particular*:

Olha minha cara
É só mistério, não tem segredo
Vem cá, não tenha medo
A água é potável
Daqui você pode beber
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular

Penso que a música emerge como um modo de tornar a escrita teórica menos árida e traz uma apreensão afetiva da teoria. Aqui, ela ilustra a complexidade do lugar do observador ao entrar na intimidade da dupla mãe/bebê. As portas estão abertas, pode aproximar e beber dessa água potável sem medo, mas fica um alerta: “[...] só não se perca ao entrar no meu infinito particular”.

O método foi desenvolvido a partir do método clínico psicanalítico e usa princípios técnicos psicanalíticos: atenção flutuante, transferência e contratransferência. Alicia Lisondo 2019, p.44 menciona o enunciado de Ogden de que, apesar de não haver na observação mãe/bebê interpretações verbais, o observador realiza atos interpretativos.

O observador precisa ter uma mente capaz de tolerar o desconhecido e o não saber, permanecer na falta de sentido até que ele surja. “[...] observar um bebê significa deixar-se impregnar por uma realidade sensível – sons, cores, atmosferas emocionais – que entram em ressonância com esses mesmos aspectos do observador” (Menegotto, Menezes, Caron & Lopes, 2006, p. 80).

O observador, de acordo com as autoras, desenvolve a capacidade de sentir antes de teorizar e de tolerar acompanhar as mães no cuidado com seu bebê, encontrando suas próprias soluções. Conseqüentemente, aprende a deixar a mente aberta, sem ideias preconcebidas para, enfim, perceber a singularidade de cada relação mãe/bebê.

De acordo com Caron e Lopes (2014, p. 19), um dos maiores desafios no momento da observação é a grande mobilização interna vivida pelo observador, estimulada pela experiência viva da dupla mãe/bebê. São sensações, emoções e ansiedades primitivas que o atingem; ele capta as comunicações não verbais da mãe e do bebê, por intermédio de seu corpo e sua mente via identificação projetiva.

Escrevem que “[...] a escuta envolve todos os sentidos” (Caron & Lopes, 2014, p. 19). Novamente uma música emerge em minha mente, *A tua presença morena*, composta por Caetano Veloso em 1975. Sinto que não é por acaso, a letra da canção coloca em palavras a vivência de quem, movido pela paixão, deixa-se impregnar pela presença do outro.

A tua presença
Entra pelos sete buracos da minha cabeça
A tua presença
Pelos olhos, boca, narinas e orelhas
A tua presença
Paralisa meu momento em que tudo começa
A tua presença
Desintegra e atualiza a minha presença
A tua presença
Envolve meu tronco, meus braços e minhas pernas
A tua presença
É branca, verde, vermelha, azul e amarela
A tua presença....

Podemos pensar que algo similar acontece com o psicanalista quando observa a dupla mãe/bebê? Afinal, no campo observacional, a comunicação é a não verbal, e essa música nos conduz à experiência estética de se tornar receptor de sensações primitivas da dupla e de si mesmo.

França (2019, p. 171) nos lembra que a vivência de observar é uma experiência emocional transformadora da identidade analítica e um importante elemento no desenvolvimento das funções de um analista. Além disso, propicia e promove modificações mentais na dupla mãe/bebê em relação aos seus aspectos mais primitivos.

O segundo momento do Método é o relato escrito. Sobre isso, Bick (1964) menciona que a observação de bebês é um treinamento para coleta científica de dados e reflexões. No entanto, compreende que é difícil colher dados livres de interpretação. “Estes fatos devem ser descritos em linguagem escrita e coloquial, e nós achamos que todas as palavras são carregadas com uma penumbra de significados” (Bick, 1964). Conclui dizendo que observar, pensar são sempre inseparáveis.

O observador, logo após a observação, faz um relato escrito, o mais detalhado possível do que foi observado naquele momento. É orientado ainda a escrever seus pensamentos, sentimentos e fantasias que surgem no transcorrer da observação. Escrever a vivência é um desafio, nos lembra Lisondo (2009, p.41), um antídoto para a possível contaminação da mente pelas fortes emoções vivenciadas.

Lisondo (2009, p. 41) considera que o observador encontra na escrita a possibilidade de ordenar e dar inteligibilidade à experiência da observação de bebês. No entanto, a mente do observador pode ser invadida pelas turbulências do campo observacional, ocasionando dificuldades de metabolizar, transformar em pictogramas, nomear para si próprio, sonhar e, mais tarde, escrever o experimentado. Esta é uma ótima oportunidade para o observador, por meio de sua análise pessoal, entrar em contato com áreas desconhecidas de sua mente.

O terceiro momento do Método Bick é o grupo de supervisão. A partir da minha experiência pessoal, considero que, desde a decisão de participar da observação de bebês, ficamos diante de um desconhecido, o que provoca em nós dúvidas, medos, sensações que são compartilhadas com o grupo. O grupo, do mesmo modo, é um desconhecido, e a intimidade é tecida aos poucos. A atitude acolhedora e sensível do coordenador é fundamental nesse momento inicial, ele se torna um parceiro para compreender a vivência grupal.

Os encontros do grupo são semanais e têm como principal objetivo ser continente para as angústias primitivas despertadas no observador; pode ser considerado como um terceiro que facilita o trabalho de elaboração psíquica.

Por meio dele, as impressões sensoriais, as vivências, as recordações são tecidas, possibilitando o nascimento de novas imagens, resultantes da *rêverie*³ do observador e a do grupo. O grupo torna-se um interlocutor privilegiado e, aos poucos, o observador interioriza a função *rêverie* grupal (Sandri, 1997, p. 65).

Ao final de cada encontro do grupo, um participante redige um relatório contendo falas, comentários e as diferentes visões que surgem. Sandri (1997, p.63) considera que é muito mais do que um relatório; para ela, é algo novo, criado a partir de elementos dispersos, similar ao que Bion chama de “[...] interação dinâmica entre posições esquizoparanoide e depressiva – PSD”. É uma síntese que não é encerramento ou conclusão, mas que deve predominar a abertura para a mudança.

O método Bick proporciona que o observador passe por todo um processo: a escuta atenta e aberta dos sinais não verbais do vínculo mãe/bebê, por meio de suas próprias sensações; a escrita detalhada da observação; e as discussões no grupo que, por fim, criam a oportunidade de entender e reconhecer melhor, na clínica, essa área da mente que contém um mundo de experiências não simbolizadas.

Considero importante destacar o quão importante Esther Bick se tornou para a psicanálise. Ao desenvolver conceitos importantes para a teoria psicanalítica, ela aprofundou e ampliou o entendimento das primeiras sensações corporais e suas repercussões na mente, baseando-se no psiquismo primitivo descrito por Klein. Desenvolveu os conceitos de pele psíquica, segunda pele e identidade adesiva, que tratam dos processos mentais muito iniciais em funcionamento na mente primitiva.

Ela nos mostra que a formação da pele psíquica se dá quando o bebê introjeta um objeto externo sentido como capaz de exercer a função de continência, ou seja, a função de manter unidas as partes não integradas da personalidade ainda não diferenciadas do corpo. Isto é possível por meio do *handling*⁴ materno.

3 É o estado da mente para receber quaisquer “objetos” do objeto amado, capaz de receber as identificações projetivas da criança boas ou más. *Rêverie* é um fator da função-alfa da mãe.

4 É a maneira pela qual a mãe assegura no dia a dia os cuidados físicos de seu bebê, permitindo que ele aprenda a conhecer seu corpo. Esses cuidados sensíveis, dão-lhe o sentimento de seu próprio corpo. “A psique toma posse de seu próprio corpo” (Winnicott, 1970, p. 858).

A pele psíquica contém as ansiedades arcaicas e delimita um espaço mental interno e externo, preparando a mente para os mecanismos de *splitting*⁵, projeção e introjeção, para as posições esquizoparanoide e depressiva de Klein (Enck, 2011).

Caso essa pele de contenção falhar em manter unidas as partes do *self*, o bebê aciona uma das três defesas primárias: a muscular, os movimentos incessantes e o agarramento a qualquer modalidade sensorial, como uma ventosa. Uma segunda pele é construída como defesa contra a experiência catastrófica de um “vazamento da continência” e de uma vivência de “derramamento”(Enck, 2011).

Bick descreveu a “identidade adesiva” como modo de defesa. Posteriormente, Meltzer (Enck, 2011) ampliou seu conceito e deu o nome de “identificação adesiva”, que é o estado no qual o bebê se adere à superfície do objeto na busca de uma segurança para evitar elevados graus de ansiedade, provenientes do temor de uma ruptura catastrófica da unidade corpo-self. Seria uma maneira de “colar-se” e pode aparecer nas modalidades sensoriais: agarrar-se a um som ou tocar uma superfície para se manter aderido como uma ventosa. Para Bick, é uma aprendizagem por mimetismo, característica de uma etapa de desenvolvimento anterior à aquisição de um espaço mental, antecede a identificação projetiva (Enck, 2011).

Esther Bick ainda serviu de referência para que Anzieu formulasse os conceitos sobre ego-pele. Bick nos alerta que o inconsciente é uma área vasta que ainda tem que ser explorada pela psicanálise. Seu método abre espaço para novas descobertas que podem acontecer a cada observação de cada dupla mãe/bebê (Enck, 2011).

Outras aplicações do método foram se revelando como uma ótima ferramenta para o tratamento precoce, para aprendizagem sobre coleta de dados e para a formação do pensamento científico. A postura empática e não intrusiva do observador permite que ele ofereça um modelo de identificação, assim, a mãe desenvolve a capacidade de observar e pensar. Muitas mães passam a olhar os seus bebês de um jeito diferente, reconhecendo a existência de um mundo psíquico vivo, cheio de sensações e ávido para ser entendido.

Ao longo deste trabalho, o objetivo principal do método para Esther Bick de treinar o observador para o trabalho analítico e ajudar na construção de sua identidade analítica foi se consolidando cada vez mais.

5 Ou cisão, é um mecanismo de defesa primitivo conceituado por Melanie Klein. O ego arcaico cinde o objeto e a relação com ele o que implica cisão do próprio ego, que se torna fragmentado e em pedaços.

O reconhecimento da proposição de Bick pode ser vista na escrita dos autores que citei neste trabalho. Sua eficácia, mais do que teórica, é sentida por todos que passam pela experiência de observar a relação mãe/bebê.

Reforço a ideia de que a vivência da observação contribui para desenvolver a capacidade de continência emocional, o desenvolvimento de uma escuta mais apurada dos fenômenos psíquicos mais primitivos e uma maior capacidade de compreensão da linguagem pré-verbal.

Considerações finais

A escrita deste trabalho acontece simultaneamente ao término da minha experiência de observação da relação mãe/bebê. Considero um privilégio isto ter ocorrido, pois a vivência está muito viva dentro de mim. Estamos (eu, mãe/bebê/família) no momento da despedida, tocados pelos sentimentos de gratidão, tristeza e satisfação em terminar uma etapa tão rica, prazerosa e importante.

Posso, após a escrita do artigo, avaliar em mim mesma os benefícios da observação: ampliar a escuta dos fenômenos psíquicos mais primitivos, a capacidade de espera para não precipitar em definir padrões e conceitos e a capacidade de continência emocional em um *setting* diferente do consultório. Diante de um bebê e sua mãe, surgem sensações e sentimentos intensos de um tempo remoto de nossas vidas, tudo é atualizado em um “flashback quase instantâneo” durante a observação Belmont (2016).

Um assunto referente à dificuldade de incluir o Método Bick na grade curricular dos institutos foi levantado por vários autores. Isto, penso que vem ao encontro de um dos objetivos deste trabalho mencionado na introdução: o de colaborar para a reflexão sobre o Método Esther Bick no panorama atual das federadas brasileiras. Pérez-Sanches (1983, p.60), pergunta: Por que vários institutos resistem em introduzir a observação de bebês na formação? Por que nas que possuem a observação ela é pouco estimulada? Ele, em um tom de crítica e de alerta, aponta que é nossa responsabilidade transmitir esse conhecimento.

Recentemente, Lisondo(2019, p. 53), diante de um cenário mais atual, enfatiza que a observação de bebês é muito criticada, chegando mesmo a ser desprezada, ficando, conseqüentemente, sem lugar na grade curricular de muitos institutos. Sugere que pode haver resistência dos psicanalistas para não entrar em contato com o infantil em si próprio. Winnicott (1969), citado por Caron e Lopes (2014, p.13), já fazia um alerta sobre as resistências internas do psicanalista e as resistências externas que transformavam a relação mãe/bebê em local sagrado, proibido de explorar. O que mudou em relação a esses questionamentos?

Com a colaboração das colegas da Comissão da Infância e Adolescência da Febrapsi, apresento um panorama atual sobre a observação da interação mãe/bebê – Método Esther Bick – nas 14 federadas pesquisadas: em quatro delas, a observação de bebês é obrigatória para a formação de adultos e para formação da infância e adolescência; em seis, a observação de bebês é obrigatória para a formação de crianças e adolescentes; em duas delas, é opcional; e, em duas, não há. Diante disso, o que podemos pensar?

Encerro o artigo com o intuito de que o assunto possa se abrir para novas ponderações e ideias, gerando desenvolvimento e crescimento do psicanalista e da própria Psicanálise.

Cláudia Maria Gomes de Freitas

Referências

- Antunes, A.; Monte, M. & Brown, C. (2006). Infinito particular [Música]. In M. Monte. Infinito particular. Phonomotor Records. 4min09. Faixa 1.
- Belmont, S. (2016). Cantos do divã: temas de psicanálise contemporânea. Ed. do Autor.
- Bick, E. (1964). Notes on Infant Observation in Psychoanalytical Training (R. S. Lang, trad.). International Journal of Psycho-Analysis, 45, 558-566.
- Bion, W. R. (1962). O aprender da experiência. Zahar.
- Caron, N. A. & Lopes, R. de C. S. (2014). Aprendendo com as mães os bebês sobre a natureza humana e a técnica analítica. Dublinense.
- Enck, E. (2011). Por que Esther Bick. Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, 13(2), 533-542.
- França, N. R. de Á. F. (2019). Intimidade e observação mãe-bebê. In N. R. de Á. F. França. Observação de bebês: método e aplicações (pp. 17-32). Edgard Blucher.
- Hinshelwood, R. D. (1992). Dicionário do pensamento kleiniano (J. O. de A. Abreu, trad.). Artes Médicas.
- Kossmann, S. H. & Lang, R. S. (1997). Reflexões acerca do observar na observação da relação mãe-bebê. Boletim Científico da SPRJ, 18(3), 499-505.
- Lacroix, M. B. (1997). Os laços do encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações (F. F. Settineri, trad.). Artes Médicas.
- Lang, R. S. (2022). Esther Bick: vida e obra. Revista Mineira de Psicanálise, 5, 89-101.
- Lisondo, A. B. D. de. (2019). A observação psicanalítica. In N. R. de Á. F. França. Observação de bebês: método e aplicações (pp. 33-62). Edgard Blucher.
- Menegotto, L. M. de O.; Menezes, C. C.; Caron, N. A. & Lopes, R. de C. S. (2006). O método Bick de observação de bebês como método de pesquisa. Revista de Psicologia Clínica, 18(2), 77-96.
- Middlemore, M. P. (1974). Mãe e filho na amamentação: uma analista observa a dupla amamentar (M. P. de A. Prado, trad.). Ibrex.

Aspectos teóricos da observação da relação mãe/bebê – Método Esther Bick

Mijolla, A. de. (2005). Dicionário internacional de psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições (Álvaro Cabral, trad.). Imago.

Pérez-Sanchez, M. (1983). Observação de bebês: relações emocionais no primeiro ano de vida (T. Pellegrini, trad.). Paz e Terra.

Veloso, C. (1975). A tua presença morena [Música]. In C. Veloso. Qualquer coisa. Philips Records. 2min05. Faixa 5.

Winnicott, D. W. (1988). Comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In D. W. Winnicott. Os bebês e suas mães (J. L. Camargo, trad

Vozes da Psicanálise: Contribuições à escuta da primeira infância¹

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto², Uberlândia, Minas Gerais

Resumo: O berço da constituição da subjetividade está na primeira infância e, paradoxalmente, é também nesta etapa do desenvolvimento que a criança está mais exposta a dimensões de vulnerabilidades psíquicas, corporais, cognitivas, sociais e culturais. Neste artigo pretende-se apresentar como a Psicanálise, em um movimento de expansão ao considerar o contexto atual, propõe uma integração epistemológica entre as suas matrizes teóricas, repercutindo nas modalidades técnicas, para contribuir com a escuta e desenvolvimento de crianças em sofrimento psíquico e suas famílias, seja em contextos clínicos e não clínicos.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira Infância; Intervenções Conjuntas; Pais e Filhos; Subjetividade; Mutismo Seletivo;

1 Trabalho apresentado no curso de extensão em Psicanálise “A clínica Psicanalítica: da vida intrauterina ao envelhecimento” promovido pela SBPMG em 2023.

2 Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – SBPSP. Membro Fundador do Núcleo de Psicanálise de Uberlândia – NPU. Membro de enlace COWAP – Brasil. Coordenadora do Núcleo de Investigação Psicanalítica da Infância – NIPI.
Avenida Amazonas, 2245 – Umarama. CEP: 38405-302. Uberlândia-MG. Tel: (34) 3232-0664.
E-mail: hquagliatto@yahoo.com.br

[...] Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei.
Eu conto:
Madrugada, a minha aldeia estava morta.
Não se via ou ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã. Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era um carregador?
Estava carregando o bêbado.
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada [...]

MANOEL DE BARROS, Difícil fotografar o silêncio

Freud (1986) deu voz, em uma carta enviada a Fliess na data de 15 de outubro de 1897, as observações silenciosas sobre a fecundidade do mito grego de Édipo como um modelo paradigmático das relações afetivo emocionais na infância. Assim se abriu, para o pai da Psicanálise, um caminho de expansão em suas investigações sobre o desenvolvimento infantil que culminaram em importantes trabalhos como em 1905 (Freud, 1989) sobre a teoria da sexualidade, incluindo as zonas erógenas e as fases da psicosexualidade, e em 1910 (Freud, 1970), com a descrição do conceito de “Complexo de Édipo”.

A partir daí fomos, irremediavelmente, lançados a considerar o papel fundamental das primeiras relações de objeto na estruturação da personalidade humana, bem como a escolha do objeto de amor e a orientação do desejo para ter acesso à genitalidade, como assinala Paim filho (2019)

Estas vicissitudes do período inicial da vida de cada um de nós estão intimamente imbricadas com o psiquismo daqueles que vão nos auxiliar no percurso que resultará na constituição de nossa subjetividade, e conseqüentemente na possibilidade de construirmos um espaço anímico onde possa ocorrer a inscrição da alteridade. (p. 04)

Neste sentido, ao se considerar que as bases do arcabouço psíquico estão inscritas nos primórdios do desenvolvimento, ou seja, na primeira infância, torna-se premente dar voz ao percurso psicanalítico de compreensão da constituição da subjetividade, como também do sofrimento psíquico advindo das possíveis fraturas emocionais deste processo e interligando-a aos instrumentos observacionais, investigativos e interpretativos do analista no trabalho em contextos clínicos e não clínicos.

Ungar (2015) não nos deixa esquecer que *o modo de operar psicanalítico, como toda construção humana, é condicionado e afetado pelos códigos hegemônicos de cada época* (p.06). Destaca a necessidade de os psicanalistas, nos dias de hoje, considerarem tanto o modelo da família *pós moderna*, quanto intensas mudanças nas instituições sociais e o rápido avanço do desenvolvimento tecnológico. Todas estas transformações geram um impacto na construção da subjetividade:

...O modelo de família atual *pós-moderna* está muito longe do ideal moderno. Por um lado, os pacientes que nos consultam podem pertencer a configurações familiares diversas: famílias reconstituídas, monoparentais, casais do mesmo sexo, entre outras. Tampouco o contrato entre cônjuges está baseado numa união permanente. Também a atribuição de autoridade ao pai se enfraqueceu...No atual momento, já não confundimos ou não deveríamos confundir, a função paterna com o papel desempenhado por um homem que em geral se chama pai e que habita numa família em que é pai dos filhos e marido da esposa, por exemplo. Hoje em dia, não é necessário que esse papel seja cumprido por um homem, que, ademais, seja o pai. Pode ser outra pessoa, e não necessariamente do gênero masculino. (p.19)

Analisar, no contexto atual³, a produção da subjetividade que ocorre na inter-relação entre os elementos transsubjetivos, transgeracionais, intersubjetivos, intrassubjetivos e como esses elementos estabelecem uma intersecção entre o psiquismo infantil e o psiquismo parental, criando uma zona comum de indiferenciação familiar, que podem ser a origem dos

3 O relatório da Organização Mundial de Saúde (World Health Organization, 2022) realizou sua maior revisão mundial sobre saúde mental e aponta que, na infância e adolescência, o diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais é ainda precário. Um plano endereçado aos governos, acadêmicos, profissionais de saúde, sociedade civil e outros, foi proposto para apoiar o mundo na transformação da saúde mental. No Brasil, somente em 2016 instituiu-se o marco legal da primeira infância, em defesa de políticas públicas de equidade, justiça social e inclusão das crianças de 0 a 6 anos como sujeitos de direito (Lei 13.257).

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto

sintomas que evidenciam o sofrimento psíquico da criança (Berger, 1989), demanda do psicanalista, que trabalha com a primeira infância, abarcar e investigar as complexas correlações entre os fenômenos mentais, suas vozes e silêncios, dispensando a simples lógica binária de causa e efeito.

Algumas palavras sobre a constituição da subjetividade

A transmissão psíquica de traços sociais e culturais, com seus sistemas de valores, crenças religiosas e estéticas, e que fornecem uma base identificatória a um determinado momento de vida da criança, marcam a transsubjetividade. Cabe ao analista investigar, no fluxo associativo das entrevistas iniciais com os pais, quais os impactos da realidade material, incluindo saúde, educação, lazer e contexto social, bem como possíveis situações traumáticas como pandemias, tragédias climáticas e criminosas, situações de violência doméstica, abusos sexuais, psicológicos e religiosos como sacrifícios, torturas, mortes, dentre outros, que possam estar presentes na vida atual daquela família, correlacionando-as às fantasias parentais, tais como as filicidas e incestuosas.

E, concomitantemente, devido a inserção cotidiana da realidade virtual na vida das crianças, dimensionar se estão precocemente e excessivamente expostas as tecnologias e os possíveis impactos em seu adoecimento psíquico, na medida em que o virtual não se apresenta como um produto da criatividade infantil e sim, como uma ilusão do real, em que a tela, além de não ter comunicação emocional e empática com a criança, estimula a distração pelo tropismo com o sensorial (luz, som, imagem). E o jogo, demanda um pensamento de estratégias e performances, não proporcionando o desenvolvimento do pensamento emocional e relacional, para uma mente em formação.

A transgeracionalidade, outro importante elemento da constituição da subjetividade, identifica as catástrofes humanitárias e familiares, vividas por gerações anteriores a criança, e que são transmitidas em herança para a geração atual podendo ter uma dimensão poli traumática. Essa perspectiva, de investigar a história dos pais e da família de origem de cada um deles, possibilita dar voz as dimensões das singularidades e sofrimentos do casal parental na constituição da sua própria subjetividade, favorecendo o analista de crianças a compreender três gerações (criança-pais-avós presentes nos pais) como apresenta Silva (2003):

Portanto, uma herança transgeracional é constituída de elementos brutos, transmitidos tal qual, marcados por vivências traumáticas, não ditos, lutos não elaborados. Por não terem sido elaborados pela ou pelas gerações precedentes, esses elementos brutos irrompem nos herdeiros, atravessam o espaço psíquico sem apropriação possível (Eiguer 1991, 1997; Kaës, 1993; Correa, 2000; Golse, 2001^a, 2001b). (p.31)

A qualidade das relações da criança com os objetos primários (internos e externos) e as características predominantes nos vínculos (simbióticos, de controle, sadomasoquistas, etc) marcam a observação do analista em relação a intersubjetividade, por isso o analista tem alguns questionamentos como norteadores:

A parentalidade foi construída, para além da filiação? Como se dá o convívio da criança com a trama familiar? É reduzido? E com a trama social, é precoce? Os pais se servem dos filhos para projetar e satisfazer seu hedonismo infantil? Frente as novas configurações familiares, são presentes e estáveis a função materna e paterna? Observa-se dificuldades em estabelecer a diferença entre gerações? Como lidam com as questões de gênero? E como se sentem e reagem frente as manifestações de angústias de seus filhos? Quais seus projetos futuros para a criança e suas crenças subjetivas? (Britton, 2003; Quagliatto *et al*, 2023).

As angústias infantis, sejam persecutórias, confusionais ou depressivas em suas variadas formas: separação, claustrofóbicas, aniquilamento, etc. (Klein, 1982), as *agonias impensáveis* tais como, cair para sempre, desfazer-se e despedaçar-se (Winnicott, 1963/1994), o *Terror sem nome* (Bion,1962/1990), associados as fantasias inconscientes, o estado de coesão e dispersão do ego (nível de tolerância a frustração, capacidade de espera, comunicação, reparação, autoimagem e simbolização) bem como, seus mecanismos de defesa (projeção, introjeção, identificação projetiva, cisão, idealização, onipotência, dentre outros), refletem o universo da intersubjetividade e como este é comunicado ao analista.

Os aspectos intersubjetivos também tem de ser observados de acordo com a idade cronológica da criança, levando em consideração o desenvolvimento de habilidades motoras, o nível de autonomia nos hábitos de higiene, na alimentação e no sono, como também a aquisição da aprendizagem formal, da linguagem, da capacidade narrativa, da expressividade lúdica e corporal.

No processo de constituição e apropriação subjetiva há inúmeras possibilidades de ocorrerem vulnerabilidades. Quando tais vulnerabilidades são de grande intensidade e de duração contínua, estas ocasionam fraturas insuportáveis para o ego, que contribuem para estados intensos de sofrimento psíquico e desembocam em quadros: autísticos, psicóticos, psicossomáticos, dissociações crônicas por traumas, apatia, estados depressivos, compulsões, distorções da imagem, distúrbios do pensamento, da linguagem, do sono, do controle esfinteriano, da alimentação, da aprendizagem, dos processos perceptivos, da sexualidade, dentre outros.

Repercutindo, assim, no desenvolvimento da criança e promovendo deficit no processo de simbolização: na aquisição das noções de tempo e espaço, no trânsito do sensório ao sensível, das sensações às emoções, do corporal para o psíquico, das percepções às representações.

Algumas palavras sobre a teórica e técnica psicanalítica

Frente a um cenário tão complexo em que o desenvolvimento na primeira infância, por um lado, sustenta a subjetividade e propicia, para além do raciocinar, a atividade do pensar e simbolizar e, por outro expõe, paradoxalmente, dimensões de vulnerabilidades psíquicas, corporais, cognitivas, sociais e culturais, podendo gerar sofrimento e adoecimento mental, manifestadas em excessos, excitabilidades, inibições ou paralisações, a psicanálise contemporânea, em um movimento de expansão e integração, propõe uma ligação epistemológica entre as suas matrizes teóricas, ampliando as possibilidades do psicanalista:

Denominamos de *transmatricial* o pensamento psicanalítico que reúne e integra os elementos provenientes das duas grandes matrizes que definem as modalidades de adoecimento psíquico. (Figueiredo e Coelho Júnior, 2018): a matriz Freud-kleiniana e a matriz Ferencziana. Na primeira, os adoecimentos se dão fundamentalmente em função da superativação das angústias e das defesas; na segunda, ao contrário, os adoecimentos decorrem de processos traumáticos de passivação – ocasionando letargia, congelamento e, eventualmente, morte – dos recursos psíquicos, o que inclui a passivação das defesas e das fantasias, bem como os estados de agonia. (Figueiredo, 2012, p. 43)

A matriz Freud-Kleiniana é representada na prática atual pelas ideias de W. Bion, ressaltadas por A. Green e entrelaçadas à matriz Ferencziana, que traz em seu bojo as contribuições de D. W. Winnicott, trabalhadas por R. Roussillon. O caráter transmatricial identifica que as angústias e as agonias precisam ser tratadas simultaneamente, compreendendo que na primeira matriz, a pulsionalidade e os seus excessos, ocupam um lugar central na evolução psicopatológica do sujeito e na segunda, discutida por Roussillon, os processos traumáticos, ocorridos em situações básicas de desamparo, ocasionando congelamento e letargia, geram dependência e ausência de recursos defensivos contribuindo também para o adoecimento psíquico, na medida em que pode ocorrer, em ambos os caminhos, fraturas na vinculação primária:

O vínculo e a construção do vínculo primário, em particular, não são algo ‘dado’, que sempre comparece aos encontros humanos. Eles podem apresentar falhas ou particularidades tais, em sua construção, que o conjunto da vida psíquica pode ficar duradouramente afetado. (Roussillon, 2015, p. 34)

Tais ideias nos remetem a metapsicologia da presença, fundante do psiquismo infantil, delineando que o trabalho psicanalítico com crianças requer a inclusão dos pais para se ter acesso as variadas dimensões do sofrimento psíquico do filho e como os mesmos reagem as angústias e agonias que possam se apresentar no encontro da família com o analista.

O trabalho de grupo proposto por Bion (1970) e as consultas terapêuticas realizadas por Winnicott (1984) tornaram-se modelos inspiradores para o trabalho com famílias, surgindo propostas técnicas como a de *intervenções psicanalíticas conjuntas pais e filhos* (Mélega, 1998), que apresenta um primeiro passo na compreensão e trabalho psicanalítico com crianças, trazendo para a sala de análise todas as pessoas que moram com ela ou são, diretamente, parte integrante de sua vida (pais, irmãos, etc).

O trabalho acontece por um período de 06 a 12 sessões, antes de se definir pela análise individual da criança que motivou a consulta ao psicanalista ou por outro membro do grupo familiar.

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto

O objetivo é escutar, na experiência emocional, as diferentes modalidades de expressividade e comunicação, verbal, corporal e afetiva, com a possibilidade de criar figurabilidade aos elementos não representados, sensibilizando os adultos a se implicarem ao processo.

Berger (1989) também trabalha com esse modelo de *entrevistas familiares*, considerando-a como uma oportunidade de dar voz aos sintomas infantis e escutá-los como representantes da parte indiferenciada do psiquismo, o que possibilita emergir o conteúdo da zona comum do aparelho psíquico familiar, os processos e as fantasias organizadoras do grupo.

A proposta é ampliar o campo psicanalítico, recolocando o analista para criar um *ambiente facilitador* de comunicação entre os pares, vivendo as projeções dos membros da família, bem como apresentando um modelo continente de escuta e postura ativa no contexto das demandas inconscientes. O que se aproxima das ideias de Roussillon (2019) ao apresentar o *setting* como *Meio Maleável* nas sessões:

Essa atribuição de forma à experiência subjetiva, à matéria-prima psíquica, constitui uma experiência subjetiva específica que apoia todo o trabalho psíquico da subjetivação, aquela que preside a organização de uma representação da representação e cuja essência consiste em encontrar-criar representantes-representações da experiência subjetiva. Essa experiência subjetiva singular, “na presença do clínico”, abre a possibilidade de um tratamento representativo da zona traumática do sujeito. (p.236)

Este trabalho inicial com os pais e filhos, pode ser compreendido como uma proposta *pré-analítica*, para que se possa, posteriormente, em uma análise individual da criança ou de outro membro do grupo familiar, produzir sentido e representação simbólica. Silva (2017) também ressalta essa dimensão ao considerar que *nessa etapa inicial, contribuimos ao empatizar com o sofrimento dos pais e ao ajudá-los a compreender as dificuldades da criança, facilitando a adesão ao tratamento e o fortalecimento das funções parentais*. (p.73)

No *setting* familiar, a dinâmica transferencial, que sempre está presente nos encontros humanos, se manifesta de formas específicas, tanto pela sua multiplicidade como pela pluralidade de confluências e conexões inconscientes do grupo, porém, com características marcantes de uma comunicação paradoxal (Anzieu,2022), na medida em que os adultos e a criança resistem em experienciar emocionalmente e *ao vivo*, novas possibilidades relacionais.

Racker (1982) contribui ao nomear esse fenômeno entre o analista, o paciente e seu entorno de *paratransferências* e *paracontratransferências* e Landolfi (1989) argumenta que as mesmas devem ser consideradas como subsídio de compreensão da psicodinâmica familiar, mas não como ferramenta de interpretação junto aos pais.

Amplia-se nesta perspectiva, a discussão sobre as modalidades interpretativas do analista e resgata-se as ideias de Alvarez (2012), que ressalta que o nível de interpretação tem que levar em conta a capacidade de introjeção do objeto, ou seja, a absorção elementar do cuidado ambiental e a respectiva conjunção psicossomática.

Quanto mais precário for a indiferenciação entre self e objeto na relação pais/filhos, maior terá que se construir uma via interpretativa em que a matéria psíquica viva do analista esteja disponível para a expansão dos processos de individuação para *sentir com* o grupo, muito antes de querer entender ou abstrair. Silva (2017) ao delinear a interpretação com funções narrativas, argumenta:

Nesse processo está implicada a função narrativa do analista – a construção narrativa como uma maneira de o analista encontrar, com o paciente, um significado, de forma dialógica, sem muitas cesuras interpretativas. Ferro (1995) assinala que o analista deve acolher e vivenciar em si as experiências, às vezes inconscientes, que o analisando não consegue comunicar, embora consiga ativá-las no analista por meio de identificações projetivas. Para esse autor, as interpretações narrativas, ou fracas, procuram não saturar a comunicação do paciente, e “a transformação conarrativa, ou mesmo a conarração transformativa, toma o lugar da interpretação” (Ferro, 2000, pp. 17-18). (p.79)

A escuta do silêncio

Aos 05 anos, Beto é encaminhado para a análise por um neurologista com o diagnóstico de mutismo seletivo. O menino desenvolveu adequadamente a linguagem oral para a sua idade, porém, desde que começou a falar, se expressa verbalmente somente com os seus pais. Quando deseja algo que envolve a necessidade de se comunicar com outras pessoas, sejam adultos ou crianças, usa seus pais para serem seu “porta-voz”.

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto

A mãe descreve que também é filha única e foi muito ligada à sua própria mãe e após a sua morte, viveu uma grande depressão, sentindo que só obteve alívio ao se casar e planejar ter um filho. O casal passou a viver dos recursos financeiros herdados da família materna e procuraram ajuda médica para um processo de reprodução assistida.

A gravidez foi de risco devido à idade avançada da mãe, que descreve o seu medo de perder o bebê e de se sentir novamente sozinha.

O pai, que tem 03 filhos adultos de outros relacionamentos, demonstra que desde o nascimento de Beto não se sentiu incluído na relação da díade mãe/bebê e, hoje, mostra-se pouco disponível no exercício das funções paternas. Na escola, a mãe permanece na recepção, no período das aulas, à disposição da criança para qualquer eventualidade.

Entretanto, Beto se destaca na capacidade de realizar as tarefas escolares e mantém um sistema de liderança com as outras crianças, mesmo não utilizando a linguagem oral.

A vinculação simbiótica entre mãe e filho, faz com que ambos exponham seu narcisismo. A criança como uma “autoridade/celebridade” que precisa ter um “porta-voz”, responde com arrogância num sistema de chantagem e dominação, explicitando sua fragilidade. A mãe, mantém o controle do filho ao dar o tom daquilo que será comunicado ao outro, justificando sua posição como uma forma de proteção as dificuldades da criança, a qual ela valida e não intervém.

A analista, compreende essa comunicação paradoxal violenta, como uma medida inconsciente que anula o processo de subjetivação de Beto, reeditando a própria experiência da mãe de submissão e domínio com seus objetos primários.

O cenário da primeira entrevista com os pais desvelou uma pane nas funções maternas e paternas, bem como, na capacidade narrativa, lúdica e poética da criança, fazendo com que a analista optasse por iniciar com um trabalho de intervenção psicanalítica conjunta pais / filho, na tentativa de viver na experiência emocional da sessão, a dinâmica intersubjetiva, intrassubjetiva, transubjetiva e transgeracional que se apresentava embaraçada no psiquismo de cada membro dessa família.

Na primeira sessão a criança entra na sala de análise com os pais, seus olhos são atentos e penetrantes. Os pais se sentam de forma que ficam distantes um do outro e Beto se acomoda no colo da mãe. O silêncio domina o ambiente por cerca de 10 minutos e a analista sente-se também isolada, evidenciando um paradoxo familiar: procuram pela análise, mas não podem usufruir desse espaço de aproximação e busca de entendimento.

Numa postura ativa, a analista decide perguntar diretamente a Beto, se ele conhecia o motivo que os trouxeram a este encontro. A mãe prontamente responde que ele não fala com pessoas.

-Analista: *E ele sabe falar, mamãe?*

-Mãe: *Sim. Mas, só comigo e com o pai.* (sua voz trazia o tom do triunfo e da apropriação subjetiva de seu filho, não demonstrando angústia frente a esta inibição da criança)

-Analista: *Ah, entendi...* Em seguida, dirige o olhar para Beto e diz: *A mamãe está me contando que fala por você, mesmo você sabendo falar. Então, acredito que esse é o motivo que te trouxe aqui, não é mesmo?*

O menino agora inquieto no colo da mãe, olha a analista profundamente, como se estivesse fuzilando-a com os olhos, pela desacomodação do que foi dito.

A mãe reclama de sua inquietude e depois de algum tempo, Beto tampa a lateral de sua própria boca com as mãos e fala algo no ouvido de sua mãe.

- Mãe: *Tem jogos aqui?* (A mãe usa um tom de voz como se os jogos fossem um interesse dela também, evidenciando a indiferenciação entre ambos)

- Analista: *Bom saber, Beto, que você sabe dizer o que quer...mesmo ainda não falando comigo.*

- Pai: *E ele é bom em jogos...* (A primeira colocação do pai na sessão se apresenta como uma tentativa eufórica de acomodação do lugar-comum de atenderem a solicitação do filho)

- Analista: *E com esse jogo? De saber falar e não conversar com outras pessoas...Nesse jogo de esconder as palavras, o Beto também é bom, papai?*

- Pai: *Sim...Acho que sim...* (essa afirmação é dita com um ar “sem graça” como se a pergunta estivesse colocando-o no lugar de denunciar “o jogo” familiar, que pareceria ser ameaçador)

A criança se desloca para atrás da poltrona que a mãe estava sentada e se esconde, indicando mais um incomodo nestas percepções e marcando sua posição de “colar” e “não existir”.

A mãe, narcisicamente, se mantém calada e com a expressão fisionômica tensa.

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto

Paracontratransferencialmente, a analista também se vê acuada frente a situação de manter a condição de não dizer sobre as dificuldades familiares que estavam expressas no silêncio da criança ou se manifestar, sem ser violenta.

Neste paradoxo, retoma o diálogo, buscando no pai um parceiro que pudesse vir a ser um futuro interditor na relação fusional mãe/filho.

– Analista: *Papai, e você, acha que esse jogo de esconder as palavras das pessoas é legal?*

– Pai: *Não é legal, né, filho?* (com uma voz infantilizada, quase que se desculpando pela situação).

– Mãe: *Tem dominó?* (O domínio da situação é retomado pela mãe e a criança, imediatamente, sai detrás da poltrona)

– Analista: *Sim. Acredito que vocês viram os jogos sobre a mesa. Beto você quer jogar?*

A Criança acena muito discretamente e rapidamente a cabeça.

– Analista: *Acenar a cabeça, Beto, é um jeito de falar comigo. E eu gostei muito de saber que você pode falar do seu jeito.*

Todos se dirigem a mesa e a analista vai perguntando a criança como organizar o jogo. Beto olha as peças do dominó e a analista toma essa expressividade visual como uma resposta, indicando o que havia compreendido e dizendo que se não fosse daquele jeito, ele poderia reorganizar. Concomitantemente, a analista também pergunta aos pais sobre as regras que eles conhecem, na tentativa de dar voz a cada um de forma individualizada.

Quando é perguntado quem começa o jogo, surge um impasse. Beto olha para a mãe e abaixa os olhos. A analista comenta que poderíamos esperar uma dica de Beto. A mãe intervém e diz que vai começar.

– Analista: *Se a mamãe prefere não esperar uma dica, podemos começar se todos concordarem.*

No intercurso do jogo, a analista apresenta um sentido ao brincar. Aponta as peças do dominó, as quais têm a apresentação de bolinhas coloridas com números equivalentes de zero a seis:

– Analista: *No jogo devemos juntar a parte de uma peça a outra que seja igual. O mesmo número, a mesma cor, mas em peças diferentes. São parecidas, mas não são as mesmas. Elas se juntam e se separam de várias formas, assim como as pessoas.*

Beto era um exímio e atento jogador. Ocasionalmente, olhava a analista e demonstrava interesse pela dinâmica relacional. Entretanto, havia em paralelo um jogo perverso de submissão e domínio em que cada membro do grupo familiar ocupava, simultaneamente, essas duas posições gerando dificuldades no desenvolvimento da alteridade da criança e das funções maternas e paternas.

O trabalho conjunto abriu perspectivas dialógicas com os pais em seus aspectos narcísicos, identitários e depressivos. Promovendo, após 12 sessões com a família, a passagem para a análise individual da criança, com o início do seu processo de separação e individuação, na medida em que se pôde compreender as fantasias de Beto em se sentir responsável por manter a vitalidade da mãe através do funcionamento simbiótico de ambos, que não o impedia de viver a ambivalência de sentimentos na relação com os pais, transformando-se, por um lado, em um pequeno tirano que sadicamente exigia que fosse atendido em todos os seus desejos e por outro, inundado por angústias persecutórias e agonias que o paralisavam, gerando transtornos também no sono, na alimentação e com episódios de autoagressão.

Os pais se mantiveram comparecendo em sessões separadas com a analista que, após o primeiro ano de trabalho, conseguiu encaminhar a mãe para uma análise individual e manteve-se com Beto. A escola foi contatada pela analista como parceira de trabalho para realizarem funções de intermediação e interdição na dinâmica da dupla mãe/criança, limitando-a de intervir como “porta-voz” do filho.

Discutiu-se também, a possibilidade de outras formas de comunicação no espaço escolar, no manejo das frustrações, buscando dar “voz” a Beto dentro de um sistema de busca pela sua apropriação subjetiva.

Nas palavras de Figueiredo (2017):

...o desamparo pós-traumático, o vir a ser do sujeito é colocado em um impasse, o sujeito é lançado em uma condição de impotência e desespero em que a única defesa possível é o recuo, o retraimento, o descarte de uma parte de si mesmo, a desistência em ser. Neste momento, podemos mencionar o acionamento da pulsão de morte e a destrutividade, mas elas não são, como em Green, os fatores determinantes da experiência de autodestruição, e sim efeitos da experiência traumática interpretada em outros termos. (p.45)

Vozes da Psicanálise

“Um menino nasceu – o mundo tornou a começar!...”

JOÃO GUIMARÃES ROSA, Grande sertão: Veredas

O processo civilizatório humano é desafiador e requer a coexistência do desejo individual pela maternidade e paternidade, com a renúncia narcísica dos pais para sustentar sentimentos ambivalentes ao considerar o seu filho como um sujeito singular, que requer participação de uma comunidade que inclui a família extensa, a escola, os amigos, os profissionais de saúde, dentre outros, para a subjetivação da criança.

Nesta dinâmica, a Psicanálise procura dar voz a infância pela escuta dos silêncios e faltas, sejam em privações ou excessos, criando um *ambiente facilitador* desse processo e considerando que na sociedade atual o sofrimento infantil, vivamente e tragicamente presente em contextos clínicos e não clínicos, estão, predominantemente, ligados a mecanismos mentais arcaicos como a cisão ou *splitting*, com problemas de adoecimento psíquico narcísico-identitários.

A ênfase na condução da clínica da infância está no manejo do *setting* para conter, de acordo com as ideias de Bion, o sofrimento psíquico dos excessos. E revitalizar, a passivação dos recursos psíquicos traumáticamente fraturados, propostos por Roussillon.

Sendo recomendado que o processo analítico de crianças seja iniciado com as intervenções entre pais e filhos nas quais o analista possa utilizar de sua escuta sensível, disponível e qualificada dos fluxos associativos verbais e não verbais envolvidos no brincar, nos movimentos corporais e nas ações vivas do *setting*, para a apropriação de funções e lugares na dinâmica familiar.

“Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar

...

Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê flor e fruto

MILTN NASCIMENTO e WAGNER TISO, Coração de estudante

Ms. Helga de Souza Machado Quagliatto

Referências

- Alvarez, A. (2012). Níveis de trabalho analítico e níveis de patologia. Livro Anual de Psicanálise, 26,173-190.
- Anzieu, D. (2022). Transferência paradoxal: da comunicação paradoxal à reação terapêutica negativa. *Psicanálise – Revista Da Sociedade Brasileira De Psicanálise De Porto Alegre*, 24 (1), 184–208. Recuperado de <https://rsbppa.emnuvens.com.br/revista/article/view/823>
- Berger, M. *Prática de entrevistas familiares*. Campinas, SP: Papirus. 1989.
- Bion, W. R. (1970). *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo* (Walderedo Ismael de Oliveira). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1990). *Aprendiendo de la experiencia* (H. B. Fernández, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1962)
- Britton, R. (2003). *Crença e imaginação*. Rio de Janeiro: Imago. (trabalho publicado em 1994)
- Figueiredo, L. C. (2017) *A psicanálise transmatricial de René Roussillon e sua dívida ferencziana*. (2012). *Sig: revista de psicanálise / Sigmund Freud Associação Psicanalítica*. - Vol. 6, n. 11, 43-54.
- Freud, S. (1970). *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*. In S. Freud. *Cinco lições de psicanálise; Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (Vol. 11, pp. 127-146). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S (1986) *Carta Freud à Fliess - 15/10/1897*. In: *Correspondência completa Freud - Fliess 1887-1904*. Masson M. J. editor (pp. 271-274). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1989). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 118-230). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos: 1900* (Vol. 4). (Paulo César Lima de Souza). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1900).
- Klein, M. (1982). *Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê*. In M. Klein. *Os progressos da psicanálise* (3 ed, pp. 216-55). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

- Landolfi, P. (1989). Interrupção do processo em psicanálise de crianças: o problema das paratransferências. Trabalho apresentado na Associação Psicanalítica Argentina, Buenos Aires.
- Lei 13.257 (2016) Políticas públicas para a primeira infância. Secretaria-Geral da Presidência da República. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm (Acesso: 15 de agosto de 2023).
- Mélega, M. P. (1998). Intervenções terapêuticas conjuntas pais-filhos. *Alter*, 17(2), 119-134.
- Paim Filho, I. A., Fischer, M., Vasconcellos, M. C. G., Klarmann, R. P. (2019) Édipo Intimidado: De Profano à Profanado. Trabalho publicado na Revista Psicanálise - FEBRAPSI. 2019. Revisto para a publicação do livro, (no prelo) do Espaço Criar.
- Quagliatto, H. S. M.; Sousa, K. K; Rodrigues, R. L. Quagliatto, T. & Flor, T. C. (2023). Traumas e crenças subjetivas como campo de investigação na trama familiar. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 57(2), 43-56.
- Racker, H. (1982). Estudos sobre técnica psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Roussillon, R. (2015). Para introduzir o trabalho sobre a simbolização primária. *Revista Brasileira de Psicanálise*. vol.49, n.1, p.33-46.
- Roussillon, R. (2019). Manual de prática clínica em psicologia e psicopatologia. São Paulo: Blucher, 314p.
- Silva, M. C. P. da. (2003). A herança psíquica na clínica psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Silva, M. C. P. da. (2017). A caixa lúdica do analista: uma reflexão sobre as mudanças na teoria da técnica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol. 51, n. 4, 71-88.
- Ungar, V. (2015). O ofício de analista e sua caixa de ferramentas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 49, n. 1, 15-32.
- Winnicott, D. W. (1984). Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1994). O medo do colapso. In C. Winnicott & R. Shepherd (Orgs.), *Explorações psicanalíticas* (J. O. de A. Abreu, Trad., pp. 70-76). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)
- World Health Organization (2022). World mental health report: transforming mental health for all. Genebra, Suíça. 296 p. Disponível em: www.who.int/publications/i/item/9789240049338. (Acesso: 15 de agosto de 2023).